

Notas sobre o efeito-Saussure na Análise do Discurso*

Roberto Leiser BARONAS**

(UNEMAT)

Parafraseando Michel Foucault, no tocante a Nietzsche, eu diria: o único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Michel Pêcheux, é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar!

Neste texto, procuro estabelecer um breve diálogo, não somente com o artigo “Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas”, embora o tome mais detidamente, mas com significativa parcela da obra do filósofo francês Michel Pêcheux: aquela que se constitui numa espécie de Filosofia da Lingüística. Com efeito, o faço com base no mirante da escrita da Análise do Discurso¹, deixando de lado uma série de possíveis outros olhares: Epistemologia das Ciências, Psicologia Social, Filosofia da Linguagem, Marxismo, entre outros, a partir dos quais a obra pecheuxiana poderia ser interpretada. Como “bom ladrão de palavras”, retomando Benveniste (1995, p. 42) em relação a Saussure, e o próprio Pêcheux (1982, p. 8) em relação a Benveniste, procuro sustentar a hipótese de que após a sua trágica e prematura morte, ocorrida em dezembro de 1983²,

* Texto apresentado durante a realização do I Seminário de Estudos em Análise do Discurso *Michel Pêcheux e Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*, no painel *Sobre a (des)construção da teorias lingüísticas*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 10 a 13 de novembro de 2003.

** Roberto Leiser Baronas é professor de Lingüística e Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT- doutor em Lingüística pela FCL/UNESP – CAr – *Université de Paris XII*, componente do GEADA – Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara e, em conjunto com M. R. GREGOLIN, autor do livro *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Ed. Claraluz, 2001.

¹ Tomo aqui como textos que procuram fazer a escrita da Análise do Discurso o de Denise Maldidier *L’Inquietude du discours: textes choisies et presentes par Michel Pêcheux*, o de Jacques Guilhaumou *A propos de l’analyse de discours : un trajet critique autour de Michel Pêcheux à la fin des années 1970* e Jean-Jacques Courtine “Lingüística e marxismo: o discurso inatingível”

² A importância de Michel Pêcheux para os estudos do discurso pode ser evidenciada com a nota a seguir da revista *Langage et Société*, 27, mars 1984, p. 85. “Michel PÊCHEUX s’est donné la mort en décembre. La

Pêcheux *por um estranho destino das idéias... permaneceu sozinho com seus problemas...*

Meu objetivo, contudo, não é trazer novamente à cena aquilo que seria o “verdadeiro” projeto de Michel Pêcheux, até porque, nada seria mais estranho ao seu pensamento do que abordar o sentido “verdadeiro” das discursividades, mas traçar uma espécie de outra vereda da Análise do Discurso que evidencia uma espécie de denegação da sua vocação interpretativa, heurística em proveito de se levar mais a “sério as formas da linguagem”, as *materialidades discursivas*.

“O que é que trabalha a Lingüística?”, questão que surge no início do *Les vérités de la Palice* em 1975, mas que começou a perseguir Michel Pêcheux bem antes. Em 1971, no número 24 da Revista *Langages*, o artigo construído a seis mãos em conjunto com Claudine Haroche e Paul Henry, *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*, já se organiza em torno de uma discussão mais filosófica dos fundamentos teórico-metodológicos de Saussure e da semântica.

Textos como o *Remontémons* (comunicação de Pêcheux no Colóquio do México, em 1977), *Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?*, também de 1977, mas sobretudo, e de uma maneira capital, o livro que ele escreve com François Gadet em 1981 (*La langue introuvable*) inauguram todo um modo pecheuxano de refletir sobre a Filosofia da Lingüística.

RCP du CNRS. “Analyse de Discours et Lecture d’Archives” (ADELA), qui s’était constituée autour de lui, a décidé de ne pas se poursuivre sans son fondateur. La perte que constitue sa disparition pour tous ceux qui voient dans l’analyse de discours enjeu scientifique et idéologique important est immense. Il était un des rares à voir une vue d’ensemble des enjeux, et sans doute le seul à voir constamment mené de front les diverses dimensions que supposait un projet social d’analyse de discours. Michel PÊCHEUX était de ceux pour la recherche était plus qu’un travail, c’est-à-dire un engagement. Mais pour lui, engagement ne signifiait pas renoncement à l’exigence de rigueur. Et celle-ci, à son tour, ne conduisait pas à un oubli des fondements au nom des techniques. Autour de lui, des gens qui ne se seraient peut-être jamais rencontrés pouvaient collaborer. Le dernier rapport d’activité de la RCP témoigne que des rencontres, des convergences étaient possibles. Elles s’étaient constituées grâce à lui. Les retrouver sans lui sera sans doute difficile. Il nous faudra cependant y parvenir. Nous dédiâmes à sa mémoire les actes du colloque “Histoire et Linguistique”, auquel il a participé. On sait combien ce thème lui tenait à cœur. Ceci ne constitue de notre part qu’un hommage à ce qu’il fut, et n’est pas à la mesure de ce qu’il nous a apporté, et qui continuera à nous interroger. Il dépend de tous ceux qui l’ont connu, ou que son oeuvre a influencé, qu’il n’ait pas parlé en vain”.

No artigo de 1971, Michel Pêcheux asseverando a existência uma espécie de provincialismo teórico não só na Lingüística, mas em todas as Ciências Humanas, dizia: *nós não podemos nem ser atingidos pelo sonho saussureano de separar teoricamente língua e linguagem. É preciso mudar de terreno e produzir um gesto teórico-político. Mudança essa que segundo Pêcheux (1971, p. 14)*³.

Nos parece determinada por duas necessidades: lutar contra o empirismo (se desembaraçar da problemática subjetivista centrada sobre o indivíduo) e contra o formalismo (não confundir a língua como objeto da lingüística com o campo da “linguagem”). Isso implica, a título de contraparte positiva, a introdução de novos objetos, descobertos pelas relações ao novo “terreno” teórico que determina as formas e os conteúdos da mudança: bem entendido, por uma larga parte, os objetos, e os termos que designam, não são “novos” aos olhos do provincialismo teórico que caracteriza cada uma das “ciências humanas” no tocante às suas vizinhas, e sobretudo tendo em conta o recalçamento-disfarçado⁴ que se exerce por intermédio dos conceitos do materialismo histórico.

Na mesma trilha epistemológica dos textos anteriores, em “Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas”, texto produzido no período em que Denise Maldidier (1993, p. 9) denominou como o da *(des)construção lentamente dirigida*, Michel Pêcheux, ao olhar retrospectivamente para diferentes momentos epistemológicos da Lingüística, retomando o texto “Saussure após meio século” de Émile Benveniste, procura mostrar que o “lingüista da subjetividade”⁵,

³ *La sémantique et la Coupure Saussurienne: langue, langage, discours. Langages*, 24, p. 93-106, tradução provisória nossa.

⁴ M. Pêcheux, *As ciências humanas e o “momento atual”*, La Pensée, n. 143, 1969, p. 62 – 79.

⁵ Até a publicação da Revista *Langages* 37, Pêcheux via nos trabalhos sobre enunciação de Benveniste, especificamente no “Da subjetividade na linguagem”, que teria chegado às suas mãos via *Journal de Psychologie*, um certo retrocesso: o retorno do tão famigerado sujeito psicológico, mestre e dono absoluto de suas escolhas e de seu dizer, que fora tirado de cena por Saussure e pelo estruturalismo. Esse desconhecimento provisório de Pêcheux, contudo, muito mais por questões teóricas do que por qualquer outra coisa, começa a ser dissipado a partir da *Langages* 37, com o artigo *Mises au point et perspectives à propos de l’AAD*, quando então Pêcheux, ao reavaliar o dispositivo teórico-formal da AAD 1969, afirma textualmente: “A Análise Automática do Discurso foi opaca em relação aos fenômenos da enunciação”. Pêcheux dava aí o primeiro passo para compreender realmente o importante papel de Benveniste, que por

expressão com a qual Pêcheux designava Benveniste, se equivocara ao rebater Meillet, dizendo que: *Abarcando com o olhar esse meio século decorrido, podemos dizer que Saussure cumpriu bem o seu destino... e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa* (grifos meus). Pêcheux, tal qual em 1971, acredita que *o corte saussureano continua evanescente: em relação a ele as diferentes teorias lingüísticas produzem afastamentos e retornos.*

No entendimento de Pêcheux, diferentemente do que asseverou triunfalmente Benveniste nos anos 60, o “gesto inaugural” saussureano, a separação entre *la langue et la parole*, nunca teria acontecido, *a ruptura nunca é efetuada*. Buscar o “próprio da língua” nas tendências da Lingüística do início dos anos 80, não passava de um objetivo marginal, *residual* nos termos de próprio Pêcheux. Naquele momento, os estudos lingüísticos contraíram relações extraconjugais com a psicologia, a lógica, a biologia, a pragmática, a sociologia, a estética com isso ajudaram a desconstruir o objeto teórico saussureano. Assim, para a Pêcheux o *evento/advento* da Lingüística, que chegara em *pezinhos de pomba* (Nitzsche citado por Benveniste), se construiu ao longo do século XX *não parando* de se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras.

A primeira diáspora aparece nos anos 20, nesse período a Lingüística saussureana transita do Círculo de Moscou até Viena, depois vai para Viena e Copenhague. Neste trajeto, *se produz uma espécie de difração epistemológica* que espalha os mais diversos olhares sociologistas, psicologistas das intuições saussureanas. *Explicita-se o projeto de construção de uma lógica semiótica do signo*

Aparentemente os anos 50 se constituem numa reunificação, *na qual a teoria saussureana teria finalmente encontrado seu caminho: ‘a segunda vida’*. O

intermédio da enunciação, mostrou uma das grandes fissuras do edifício saussureano, a questão do sujeito na língua.

pensamento de Saussure é o grande elo que liga desde o funcionalismo de Martinet, passando pelos behavioristas da comunicação, indo até o estruturalismo distribucional de Bloomfield. O “momento galeano” do corte saussureano enfim parecia ter se efetivado.

No início dos anos 60, essa aparente unidade mais uma vez esfacela-se. Essa nova diáspora é fruto de dois processos *a priori* independentes, mas que se desenvolviam simultaneamente, durante cerca de 15 anos: o desenvolvimento da hegemonia teórica da Gramática Gerativo-Transformacional e o aparecimento de uma nova corrente, o materialismo da estrutura, constituído a partir da releitura das obras da *tríplice intente*: Marx, Freud e Saussure.

Os anos 80 aparecem marcados por uma nova mudança no regime dos estudos lingüísticos. Tanto o materialismo da estrutura quanto o chomskysmo dão os primeiros sinais de que seus projetos começam chegar ao fim. Há nesse período um espécie de consenso *anti-saussureano* e *anti-chomskyano*, pois é *mais do que urgente se ocupar de outra coisa*. Pergunta-se Pêcheux: um novo consenso não estaria se reconstituindo na base de uma unidade negativa, desembocando em uma nova diáspora intelectual, que tende a mergulhar a Lingüística em questões de biologia, de lógica e de psicologia (individual ou social)?

A história das idéias lingüísticas e seu “estranho destino”, que não se faz por um desenvolvimento autônomo, retilíneo e cumulativo de um núcleo de conhecimentos do objeto língua, mas por uma *série de retomadas e de negações*. *Exposta de seu próprio interior* aos efeitos complexos do processo conjuntural histórico e político que constitui o espaço no qual sua história se produz, as determinações históricas provocaram sucessivas redes de afinidades e, por isso, o “próprio da Lingüística” jamais é alcançado.

Para *mudar de terreno* é preciso então construir nos estudos da linguagem instrumentos capazes de abordar o equívoco, a falta, a falha como fato ‘estrutural implicado pela ordem simbólica’. Enfocar, segundo a fórmula de Jean-Claude Milner, “o real da língua”. A língua, decididamente, inatingível “resiste do interior às

evidências da lógica...a materialidade da sintaxe é bem o objeto possível de um cálculo... mas simultaneamente ela escapa na medida em que o erro, a falha e a ambigüidade são constitutivos da língua”. Se a sintaxe é “aquilo que toca mais perto ao próprio da língua enquanto ordem simbólica”, a descrição discursiva não pode mais ficar fechada nos termos da dicotomia base-processo ou na idéia de que existem níveis mais ou menos fechados. Ela visa ao intrincamento das três ordens: da sintaxe, do léxico e da enunciação. *Mais do que celebrar ou lamentar a volatilização do real da língua, tratar-se-ia então de pensá-lo como um corpo atravessado por falhas, ou seja, submisso à irrupção interna da falta.*

Ao rever a escrita da história da Análise do Discurso é possível constatar que o seu projeto inicial passou por inúmeras e constantes reformulações. Com efeito, também os seus fundamentos foram alterados, isto é, a dimensão crítica aos fundamentos saussureanos e articulação dos aspectos históricos e lingüísticos no tratamento do discurso foram pouco a pouco sendo apagados em proveito de um recobrimento desses aspectos históricos pelos aspectos lingüísticos. Nos termos de Courtine (1999, p. 10), **a Análise do Discurso gramaticalizou-se.** (grifos meus).

Paradoxalmente, após a morte de Pêcheux, de certa forma, enquanto o efeito-Saussure esgota-se na Lingüística, visto que os lingüistas estão cada vez mais preocupados com questões exteriores à língua do que compreender *onde está o próprio da língua*, em Análise do Discurso esse efeito ganha novos contornos. As recentes publicações na França de dois dicionários de Análise do Discurso⁶ são uma espécie de representação metonímica do efeito-Saussure na Análise do Discurso pós-Pêcheux. Fazemos tal asserção embasada no fato de que ambos os dicionários não trazem por exemplo o verbete *sens*, conceito este tão caro à obra de Michel Pêcheux.

⁶ Referimo-nos aqui particularmente aos dicionários de Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau *Dictionnaire d'analyse du discours*, publicado pela *Éditions du Seuil*, Paris, 2002 e o organizado por Detrie, C; Siblot, P.; Verine, B. *Termes et concepts pour l'analyse du discours: une approche praxématique*, *Honoré Champion*, Paris, 2001.

A Análise do Discurso irrompe nos final dos anos sessenta na França como um gesto teórico-político que procura negar e, ao mesmo tempo superar o que Ferdinand de Saussure havia concebido em termos de uma ciência da linguagem, ao propor, entre outras questões, a separação entre língua e fala. Ou seja, a Análise do Discurso (re)introduz nas preocupações sobre os estudos da linguagem o que Saussure ao se inscrever no verdadeiro positivista de sua época deixou de fora: as condições de emprego da língua.

A Análise do Discurso, nas palavras de Courtine (1999, p. 8) “pretendeu ser o momento inaugural de uma revolução epistemológica, visto que a lingüística pressupunha a emergência súbita, no trabalho de Saussure, de uma ‘ciência da língua’ rompendo com um passado de erros gramaticais e filológicos”. Com efeito, a Análise do Discurso concebe a história da lingüística se inserindo no modo althusseriano de ver a história das ciências. Desse modo, seria possível articular sujeito, linguagem e história: as grandes fissuras do edifício saussureano.

Ao procurar interrogar a centralidade da lingüística por meio da sua periferia, ou seja, lembrar os limites, limitações e delimitações da lingüística, a Análise do Discurso construiu o seu percurso caminhando por duas vias: numa, criticou os fundamentos do ‘gesto inaugural’ de Saussure; noutra, rearticulou tudo aquilo que o ‘gesto inaugural’ havia cindido:

O sistema lingüístico (então concebido como um conjunto de regras sintáticas governando as frases, e também de funcionamentos dependendo de uma problemática da enunciação) e as condições históricas da língua em uso (através da determinação das ‘condições de produção’ do discurso). (Courtine, 1999, p. 9)

O dispositivo teórico-político tal qual fora pensado por Pêcheux no final dos anos sessenta ao caminhar de uma Análise **do** Discurso para uma Análise **de** Discurso, principalmente depois da sua morte em 1983, gradativamente foi sendo desviado do seu percurso primeiro, que era o de articular lingüística e história e tomando uma configuração que se aproximou cada vez mais das perspectivas formalistas, as quais, no fundo, concebem o discurso como um exemplo de língua.

Tal mutação é devida em grande parte, não só pela crise do marxismo, mas e, principalmente, pela própria modificação na “ordem dos discursos” no decorrer dos últimos trinta anos. “As mudanças políticas, a evolução das sensibilidades, as mutações tecnológicas conturbaram os regimes de discursividade das sociedades ocidentais contemporâneas” (Courtine, 1999, p. 12). Dizendo de outro modo as palavras de Courtine, as transformações das análises de discursos são de algum modo o reflexo das mutações que o próprio discurso como objeto de estudo vem sofrendo: a irrupção e/ou deslocamentos gêneros discursivos; a maneira como os gêneros são compreendidos individual e coletivamente. Assim no entender de Courtine (1999, p. 12)

Não se faz a mesma Análise do Discurso político, quando a comunicação política consiste em comícios reunindo uma multidão em torno de um orador e quando toma a forma de talk-shows televisivos aos quais cada um assiste em casa. Também não se faz a mesma Análise do Discurso independentemente dos preconceitos, das compartimentalizações sociais e ideológicas, das polêmicas antigas ou recentes; tudo isso exerce suas restrições sobre o discurso das ciências humanas, na escolha de seus temas, na definição dos objetivos, na produção de recortes formais.

Diante de todas essas mutações é preciso, contudo fugir de toda e qualquer redução: do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do discursivo ao sintático. Tal postura tem por objetivo reinterpretar a Análise do Discurso, visto que essa reinterpretação antes de se constituir em uma unidade estrutural de análise que atrela o sentido à ideologia, uma espécie de reconfiguração dos procedimentos harrissianos, se apresenta como uma categoria estratégica com vocação interpretativa que condiciona a produção de sentidos, por exemplo, a uma relação entre gênero discursivo e posicionamento subjetivo.

Ademais, é preciso (re)pensar (n)uma Análise do Discurso, que desvencilhada de seus fortes matizes estruturais dê conta de fugir dos seus paroxismos constitutivos - interior/exterior; unidade/diversidade; parte/todo, entre outros - elementos tão repisados pelos analistas do discurso com o fim de

ultrapassar as críticas que lhe são imputadas: ora por falta ou excesso de cientificidade e/ou ora por falta ou excesso de engajamento político. Abordar o *próprio da língua* pelo viés do discurso não significa caminhar em direção à Lingüística, sem contudo desconsiderá-la, mas devolver a Análise do Discurso a sua vocação heurística.

Referências Bibliográficas

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. São Paulo, SP: Nacional EDUSP, 1976.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

COURTINE, J. J. e MARANDIN, J. M. **Quel objet pour l'analyse du discours?** In: **Materialités Discursives**. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.

COURTINE Jean-Jacques & HAROCHE Claudine : **Histoire du visage (Exprimer et taire ses émotions, XVI-début XIX^e siècle)**, Paris, Payot, 1994.

_____. **Análise do discurso político: a propósito do discurso comunista dirigido aos cristãos**. Revista *Langages* 62. 1981. (Tradução provisória Sírio Possenti, circulação restrita)

_____. **L'instituer et le militant. Contributions ont l'histoire de l'analyse du discours en France**. Archives et documents de la SHESI 2, 1982.

_____. **George Orwell et la question de la langue. L'ARC, Revue Trimestrielle, Editions Le Jas, Provence –Coté d'Azur**, 1984.

_____. **O discurso inatingível : marxismo e lingüística (1965 – 1985)**. Trad. Heloisa Monteiro Rosário. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n 6, 1999.

GUILHAUMOU, Jacques. « **La connexion empirique entre la réalité et le discours. Sieyès et l'ordre de la langue** » [article disponible sur le site <http://www.marges-linguistiques.com>], *marges-linguistiques.com*, revue électronique, n. 1, juin 2001.

GUILHAUMOU J. & MALDIDIER, D. **"Courte critique pour une longue histoire. L'analyse du discours ou les (mal)leures de l'analogie"**, *Dialectiques*, n. 26, 1979.

_____. **et alli, Langage et idéologies. Le discours comme objet de l'histoire**, Paris, Les Editions ouvrières, 1976.

_____. **Discours et archive**, Liège, Mardaga, 1994.

_____. **Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise do discurso**. In: GUIMARÃES, E. (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Les historiens du discours et la notion-concept de formation discursive. Récit d'une transvaluation immanente**, 2003 (mimeo)

MALDIDIER, Denise. **Discours et idéologie: quelques bases pour une recherche**. In: *Langue Française*. Paris, n.º 5, 1972.

- _____. *L` inquiétude du discours* (textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par). Paris, Editions des Cendres, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*. *Revue Langages*, 24, 1971. (Tradução provisória nossa).
- _____. *Les vérités de la palice*, Paris, Maspero, 1975a.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS. C. *Mises ou point et perspectives à propos de l` analyse automatique du discours*. *Langages*. v. 37, 1975b.
- PÊCHEUX, Michel. *L`enonce : enchassement, articulation et de-liasion*. In. *Matérialités Discursives*, PUL, Lille, 1981a.
- PÊCHEUX, M. et alii. *Matérialités discursives*, Presses Universitaires de Lille, 1981b.
- PÊCHEUX, M. *Delimitações, inversões e deslocamentos*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19, 1982.
- _____. *Rôle de la mémoire*. In: ACHARD, P. (eds). *Histoire et Linguistique, Ed. du CNRS*, Paris, 1985.
- _____. *Leitura e memória: projeto de pesquisa*. In: MALDIDIER, Denise. *L`inquiétude du discours: textes de Michel Pêcheux*. Editions des Cendres, 1990. (Tradução provisória nossa, circulação restrita).
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1997a.
- _____. *O mecanismo do (des)conhecimento ideológico*. In: SIZEK, S. (org). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 1997b.
- _____. *Sobre a (des)construção das teorias lingüísticas*. Em *Línguas e instrumentos lingüísticos*. Campinas : Pontes, 1999.